

Retorno ao Sul

Juremir Machado da Silva
Correio do Povo, 27 de agosto de 2016

Não ter carro, filho, gato, cachorro e caixa de ferramentas faz de mim um ser disponível. A disponibilidade é meu estado de espírito, minha condição no mundo, meu “estar-aí”. Como nada tenho para fazer, perambulo por aí. Estou disponível para a cultura. Num sábado desses, fui ao teatro de Arena, ali na escadaria da Borges de Medeiros, em Porto Alegre, ver a peça *O Mal entendido*, adaptação de um texto de Albert Camus, com direção de Daniel Colin e interpretações de Carla Cassapo, Elison Couto, Fernanda Petit, Gabriela Greco e Pedro Nambuco. De arrepiar. Como sou disponível, ao voltar para casa, já tarde, fui rever coisas de Sartre e Camus. Sempre fui mais Camus.

Do alto, fiquei contemplando os moradores de rua que dormem sob a escadaria. É um mundo. Um universo com sua lógica e com sua singularidade. Não vi Camus nem Sartre ali. Vi algo de Tchecov ou de Dostoievski. Há alguns dias, no Esfera Pública, na Rádio Guaíba, entrevistamos o vice-prefeito Sebastião Melo. Passado algum tempo, foi a vez do prefeito José Fortunati. Falamos da situação dos moradores de rua. Ambos foram categóricos: “Não vamos higienizar a cidade”. Em outros termos, a prefeitura não pode expulsar as pessoas das ruas. É justo. Gostei das respostas. São corajosas e transparentes. A miséria é uma das condições do nosso tempo. Precisamos conviver com ela. Miséria e liberdade. Aí tem Camus.

A minha disponibilidade existencial me empurra para as belas obras. Se não vou a elas por sabedoria, elas chegam a mim por generosidade. Passei uma semana ouvindo as interpretações de Jacqueline du Pré, Yo-Yo Ma e Janos Starker do concerto para violoncelo de Dvořák por causa do novo romance do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, *O inverno e depois* (L&PM), que sai agora em setembro. Li o livro. É lindo. Uma obra-prima. Resenho Assis Brasil desde *Videiras de cristal*. Ele fica melhor a cada novo romance. Não falo em maturidade. É um argumento que me desagrada. Sinto apenas uma sensibilidade no extremo. Uma corda retesada.

O inverno e depois – prometo fazer o mínimo possível de *spoiler* – é a história de um músico fracassado (ou quase) que volta a uma estância na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai para estudar o concerto de Dvořák e encontrar a sua infância. Estudar o difícil concerto para uma apresentação tardia, promessa ou desafio de juventude quando estudante na Alemanha, parece somente um pretexto para o essencial: essa viagem ao passado. É o tipo de tema que me pega. Assis Brasil descreve magistralmente o imaginário da música erudita, com suas obsessões, disputas, rivalidades, ambições desmesuradas e sacrifícios quase incompreensíveis para os leigos.

Passei horas tentando captar as diferenças entre Jacqueline du Pré, Yo-Yo Ma e Janos Starker. Meu ouvido, de resto desde sempre muito fraco, não alcança. Mas

elas existem. Sei que existem. Meu ouvido fez de mim um pobre desafinado que não pode cantarolar no banheiro. É mais “fácil” ser Usain Bolt do que um solista. O resultado é mais perceptível aos olhos (e ouvidos) dos seres comuns. A descrição das nuances musicais lembra o que se diz sobre grandes vinhos. É lindo. Mas parece irreal. A música, ao menos, está aí para ser ouvida. Os grandes vinhos são caríssimas miragens engarrafadas.

O retorno ao Sul do personagem de Assis Brasil tem algo de dramático, de melancólico e de suavemente insuportável. Uma daquelas dores que se tem certo prazer em sentir. O sul é a infância perdida, um violino branco de brinquedo que ficou para trás na hora da partida apressada e dolorida. Há um aspecto que dá muita força à narrativa de Assis Brasil, algo que os franceses chamam de *remplissage* (preenchimento). Se o personagem tem uma profissão, uma especialidade, ele precisa falar dela com originalidade e conhecimento de causa. Precisa ser profundamente verdadeiro. É o que se sente, por exemplo, em todo grande livro do século XIX ou XX. Vi isso outro dia lendo o maravilhoso *A zambeziana, cenas da vida colonial*, de Emilio de Saint-Bruno, romance ambientado em Moçambique.

É também o que fazem os personagens de Michel Houellebecq. As teses do protagonista de Houellebecq, em *Submissão*, sobre a literatura de Joris-Karl Huysmans, soam inovadoras e profundamente verdadeiras. Convencem. Até especialistas em física consideram verossímeis as ideias do personagem de MH em *Partículas elementares*. O músico erudito de Assis Brasil fala como um *connaisseur*. O escritor usa a sua experiência pessoal. Foi violoncelista da OSPA. Transformar a experiência pessoal em arte, dissolvendo a biografia na ficção, é, porém, marca do grande escritor. Três linhas dão o tom da bela e sensível narrativa de Assis Brasil: “Não viera para afundar na memória – mas é impossível ignorar a existência do alçapão que se abre sem aviso e através do qual vê a infância”. É tudo que se quer.